

CONHECIMENTO DOS ALUNOS DOS CURSOS DE MEDICINA E ENFERMAGEM DA CIDADE DE PASSOS-MG NO PRIMEIRO ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS COM SUSPEITA DE TRAUMA CRANIOENCEFÁLICO OU TRAUMA RAQUIMEDULAR



André Tadeu Gomes¹, Laura Marçal Silva¹, João Marcos Alcântara¹, Beatriz Lemos Baptistela¹, Nícollas Nunes Rabelo¹

Artigo Original

¹ Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO

Introdução: O atendimento pré-hospitalar (APH) oferece suporte às vítimas expostas a emergências que ameaçam a vida, como por exemplo o trauma crânio encefálico e trauma raquimedular. Neste contexto, a APH demanda um preparo adequado de alunos dos cursos de medicina e enfermagem. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento dos discentes dos cursos de medicina e enfermagem da cidade de Passos-MG no primeiro atendimento em suspeita de trauma crânio encefálico ou trauma raquimedular. **Metodologia:** Pesquisa observacional, descritiva, com abordagem quantitativa, que irá envolver uma amostra de 75 alunos dos cursos de medicina e enfermagem do município de Passos-MG. A coleta de dados será mediante formulário online, pelo Google Forms, e sua análise envolverá medidas de porcentagem. Todos os aspectos éticos serão resguardados. **Resultados:** Dos 75 (100,0%) estudantes, a maioria eram do sexo feminino (69,3%), com média de idade de 24,9 anos. Em relação às respostas do questionário, todas as perguntas obtiveram mais acertos do que erros. **Conclusão:** Foi possível avaliar o nível de conhecimento dos discentes, bem como analisar seu perfil sociodemográfico, demonstrando que em relação às respostas do questionário, todas as perguntas obtiveram mais acertos do que erros, porém algumas questões apresentaram um maior déficit de conhecimento pelos estudantes.

Palavras-chaves: Conhecimento; Traumatismos craniocerebrais; Estudantes de medicina; Estudantes de enfermagem.

KNOWLEDGE OF MEDICAL AND NURSING STUDENTS IN THE CITY OF PASSOS-MG IN THE FIRST CARE OF VICTIMS WITH SUSPECTED TRAUMATIC BRAIN INJURY OR SPINAL CORD TRAUMA

ABSTRACT

Threatening emergencies, such as traumatic brain injury and spinal cord trauma. In this context, APH demands an adequate preparation of students of medicine and

nursing courses. Objective: To evaluate the knowledge of students of medicine and nursing courses in the city of Passos-MG in the first care in suspected traumatic brain injury or spinal cord trauma. Methodology: Observational, descriptive research, with a quantitative approach, which will involve a sample of 75 students from medical and nursing courses in the city of Passos-MG. Data collection will be through an online form, through Google Forms, and its analysis will involve percentage measurements. All ethical aspects will be protected. Results: Of the 75 (100.0%) students, most were female (69.3%), with a mean age of 24.9 years. Regarding the answers to the questionnaire, all questions had more hits than errors. Conclusion: It was possible to assess the students' level of knowledge, as well as analyze their sociodemographic profile, showing that in relation to the answers to the questionnaire, all questions had more hits than errors, but some questions showed a greater deficit of knowledge by the students.

Keywords: Knowledge; Craniocerebral Trauma; Students Medical; Students, Nursing.

INTRODUÇÃO

O atendimento pré-hospitalar (APH) oferece suporte às vítimas expostas a situações de risco de vida, e para que esse atendimento ocorra de uma forma positiva, com redução de potenciais sequelas, existem estratégias de suporte rápido^{1,2}. A assistência fornecida pelo APH é o atendimento fora do ambiente hospitalar, que inclui desde orientações clínicas, até procedimentos de socorro, como estabilização, reanimação cardio respiratória, desobstrução de vias aéreas, manejo de vítimas de trauma, entre outras³. Estas medidas têm como intuito garantir a manutenção da vida, pela estabilização da vítima e posterior encaminhamento ao ambiente hospitalar, na qual receberá atendimento avançado⁴.

Entre as situações de APH encontra-se o traumatismo cranioencefálico (TCE), e o traumatismo raquimedular (TRM), na qual esses tipos de traumas podem afetar gravemente a qualidade de vida da vítima, uma vez que ambos

possuem múltiplas sequelas incapacitantes e necessitam de intervenções imediatas.

Neste contexto, levando-se em consideração a importância da rápida intervenção em emergências e um melhor desfecho clínico para a vítima, a APH demanda um preparo adequado de alunos dos cursos de medicina e enfermagem, uma vez que estes devem agir embasados em fundamentação teórica e prática, de forma rápida e eficaz. É necessário criar estratégias de desenvolvimento de habilidades e competências para atuação em situações de urgência e emergência, já que, a ação desses futuros profissionais tem repercussão para a eficácia das ações de saúde, necessitando da inclusão de conhecimentos a respeito de primeiros socorros e suporte básico de vida¹.

Estudo encontrado na literatura envolvendo alunos do curso de enfermagem de duas instituições de Salvador sobre o APH móvel, sugere que o conhecimento dos mesmos está abaixo dos níveis de conformidade

adequados e que a formação desses estudantes está voltada para o atendimento de emergência intra-hospitalar, não considerando as diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Urgência e Emergência, gerando-se assim lacunas no conhecimento⁵, que possivelmente podem influenciar no atendimento de vítimas futuras em que estes profissionais irão atuar.

Quanto ao curso de medicina, uma pesquisa realizada apontou que embora a maioria dos alunos já tivessem algum treinamento prévio sobre APH, o conhecimento foi insatisfatório em 98,74% dos alunos de medicina, porém quando comparado ao curso de enfermagem, apresentaram mais acertos no questionário proposto pelos autores do estudo. Neste contexto, percebeu-se a necessidade de treinamento para direcionar ações futuras destes estudantes em formação⁶.

Romanini e Bock (2010)⁷ afirmam em seu estudo que para o bom atendimento do APH móvel, não basta apenas infraestrutura e transporte adequados, mas também atenção quanto à formação dos profissionais, uma vez que este trabalho exige habilidades e características específicas, como por exemplo a tomada de decisões assertivas, atualizações teóricas sobre o assunto, prontidão, destreza, estar apto para atuar em situações de estresse, além de programas específicos para capacitação do APH.

As maiores dificuldades evidenciadas foram relacionadas ao ingresso no Serviço, ao preparo acadêmico

insuficiente, às adversidades do cenário, à exposição aos riscos das cenas e público e à falta de apoio psicológico.

Portanto, visto a importância epidemiológica do TCE e TRM, além de suas sequelas incapacitantes, muitas vezes letais, e a necessidade da atuação correta de alunos dos cursos de medicina e enfermagem no APH à estas vítimas, este trabalho tem como objetivo avaliar o conhecimento dos discentes dos cursos de medicina e enfermagem da cidade de Passos-MG no primeiro atendimento em suspeita de TCE ou TRM.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e observacional, foi realizado no município de Passos, localizado na mesorregião do sul e sudoeste de Minas Gerais (MG) e conta com uma população de 115.337 habitantes²⁸ e tem como intuito responder a seguinte pergunta: “Qual o conhecimento dos alunos dos cursos de medicina e enfermagem da cidade de Passos-MG no primeiro atendimento à vítimas com suspeita de trauma cranioencefálico ou trauma raquimedular?”

A população do estudo consiste em 1080 discentes dos cursos de medicina e enfermagem, da cidade de Passos-MG. Para realização da pesquisa foi utilizado uma amostra de 75 estudantes, considerando um nível de confiança de 95%, e erro de 5%.

Como critérios de inclusão foi ser estudante dos cursos de medicina e enfermagem na cidade de Passos-MG, dos diferentes anos de formação,

contemplando desde o primeiro período ao último. Até o momento de realização da pesquisa a Faculdade Atenas possuía discentes até o 8º período de medicina, devido a implantação recente do curso de medicina da instituição no município.

A coleta de dados aconteceu de forma online, através da plataforma Google Forms, no período de outubro a novembro de 2021, na qual os participantes responderam apenas uma vez ao questionário estruturado proposto para a avaliação de seus conhecimentos.

Primeiramente os alunos responderam a um questionário sociodemográfico, contendo as seguintes variáveis: sexo, idade, curso de graduação, período e instituição de ensino. Posteriormente, foram convidados a responder um instrumento, construído pelos próprios autores, que avalia o conhecimento quanto ao primeiro atendimento em vítimas com TCE e TRM.

Os dados coletados foram digitados duplamente no Programa Excel e posteriormente foram encaminhados para o Software IBM Statistical Package for the Social Sciences

(SPSS) para realização das medidas de porcentagem.

Quanto aos aspectos éticos, todos os sujeitos foram convidados a participar do estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando todos os aspectos éticos da Resolução 466/2012, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

RESULTADOS

A partir dos resultados coletados, participaram da pesquisa 75 (100,0%) estudantes, sendo que a maioria eram do sexo feminino (69,3%), com média de idade de 24,9 anos. Quanto à instituição de ensino, 57,3% pertenciam à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), 56,0% eram dos cursos de medicina, sendo os períodos que mais prevaleceram na amostra o 6º e 10º (88,0%), conforme apresentado (Tabela 1).

Tabela 1- Características socio demográficas dos estudantes dos cursos de medicina e enfermagem. Passos, MG, Brasil. (2021)

Variável		n	%	média
Sexo	Feminino	51	69,3	-
	Masculino	24	30,6	-
Idade	19 a 23	45	60,0	24,9
	24 a 28	16	21,3	

	29 a 33	7	9,3	
	34 a 38	3	4,0	
	39 a 43	1	1,3	
	44 a 48	2	2,6	
	49 a 53	1	1,3	
Instituição de ensino	Faculdade Atenas	32	42,6	-
	UEMG	43	57,3	-
Curso de graduação	Medicina	42	56,0	-
	Enfermagem	33	44,0	-
Período	1º ao 5º	9	12,0	-
	6º ao 10º	66	88,0	-

Legenda: UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais

Fonte: Próprio autor, 2021.

Quando perguntados se já haviam cursado alguma disciplina/curso de primeiros socorros ou urgência e emergência, 97,3% (73) responderam que sim, enquanto 2,7% (2) disseram que não. Em relação a escala de coma de Glasgow, 77,3% (58) afirmaram

conhecer o instrumento, mas possuir algumas dúvidas, 13,3% (10) disseram ter total confiança acerca dos seus conhecimentos, 8% (6) não terem domínio, embora já tivessem aprendido este conteúdo na instituição de ensino superior e 1,3% (1) não tinha conhecimento pois não haviam recebido este conteúdo em sala de aula.

A Tabela 2 apresenta a taxa de acertos e erros dos alunos durante o preenchimento do instrumento elaborado pelos autores (Tabela 2).

Tabela 2- Taxa de acertos e erros dos alunos dos cursos de medicina e enfermagem durante o preenchimento do formulário. Passos, MG, Brasil. (2021)

Perguntas	Acertos n (%)	Erros n (%)
Qual a primeira coisa a ser feita quando você e sua equipe chegam para prestar o primeiro atendimento a uma vítima?	62 (82,7%)	12 (17,4%)
Qual das vítimas tem risco de ter sofrido um trauma cranioencefálico?	68 (90,7%)	07 (9,3%)
Qual das vítimas têm risco de ter sofrido um trauma raquimedular?	100 (100%)	-
Homem ejetado do carro em alta velocidade. Não tem abertura ocular, resposta verbal e nem motora espontânea, e não responde aos estímulos. Ao estímulo, não abre os olhos, realiza sons incompreensíveis e flexão anormal. Indique a pontuação da escala de coma de Glasgow.	38 (50,7%)	37 (49,4%)
Baseado na questão acima indique qual o nível de gravidade da lesão do paciente.	71 (94,7%)	4 (5,3%)
O que a imagem representa:	70 (93,3%)	5 (6,7%)
Jovem motociclista após sofrer uma colisão com carro. Você colocaria colar cervical?	74 (98,7%)	1 (1,3%)
Fazendeiro após ter caído do cavalo e apresentar manchas roxas em volta dos olhos. Você colocaria colar cervical?	68 (90,7%)	7 (9,3%)

Homem encontrado desacordado na cena do acidente com priapismo (ereção espontânea do pênis). Você colocaria colar cervical?	55 (73,3%)	20 (26,7%)
Servente de pedreiro que caiu de um andaime de 5 metros, mas está andando normalmente. Você colocaria colar cervical?	47 (62,7%)	28 (37,3%)
Qual dos pacientes você encaminharia para uma tomografia de crânio com urgência após um acidente?	72 (96,0%)	3 (4,0%)
Qual a função da prancha rígida?	73 (97,3%)	2 (2,7%)
Você usaria corticoide para o tratamento do TRM?	51 (68%)	24 (32%)

Fonte: Próprio autor, 2021.

Em relação às respostas do questionário, todas as perguntas obtiveram mais acertos do que erros, porém, é possível observar que as questões relacionadas a pontuação da escala de coma de Glasgow, a situação de colocação do colar cervical após queda de 5 metros de altura do servente de pedreiro e a utilização de corticoterapia para o tratamento do TRM obtiveram menor número de acertos, com resultados de 50,7% (38), 62,7% (47) e 68% (51), respectivamente.

Por outro lado, a pergunta relacionada a qual das vítimas tinham risco de terem sofrido um TRM, todos os alunos (100%) 75 responderam corretamente.

DISCUSSÃO

Com relação a caracterização sociodemográfica dos estudantes, a maioria eram do sexo feminino e do curso de medicina. Corroborando com este achado, um estudo encontrado na literatura apontou que houve um predomínio de 59,3% de mulheres na graduação, o que pode confirmar maior prevalência de mulheres na profissão médica. Este resultado é apontado com frequência em outras pesquisas^{29,30,31}.

Quanto à idade, observou-se um valor médio de 24,9 anos, o que difere de outro estudo que apresentou média de idade de 20,75 anos³². Isso pode ser justificado pela grande parcela de alunos que possuem entre 20 e 30 anos de idade, achado que se reafirma no perfil de estudantes a nível nacional³⁰.

No que concerne ao conhecimento dos alunos sobre a escala de coma de Glasgow, mais de metade

responderam possuir entendimento a respeito do instrumento, porém referiram apresentar dúvidas. Tais dados corroboram com uma pesquisa encontrada na literatura³³ em que a maioria dos discentes do curso de medicina e enfermagem apresentaram conhecimento teórico satisfatório sobre a escala. Estes autores³³ reforçam ainda a necessidade de suprir o déficit de conhecimento sobre o instrumento dentro das universidades por meio de treinamentos teóricos e práticos da aplicabilidade da escala de ECG.

A respeito do número de erros e acertos do questionário, a maior parte dos alunos apresentaram mais acertos do que erros. Entretanto, três perguntas se destacaram em relação ao número de acertos que foi inferior a 65%. Quanto ao uso do colar cervical apresentado na questão 10, 62,7% dos estudantes responderam corretamente. Por se tratar de uma ação do suporte básico de vida, é importante frisar o ensino destas habilidades, incluindo a colocação do colar cervical nos cursos de graduação nas áreas de saúde, objetivando maiores condições de sucesso no atendimento da vítima³⁴.

Quando indagados a respeito da corticoterapia para o TRM, 68,0% dos entrevistados acertaram a alternativa. Atualmente, não é indicado o uso de corticoide para tratar lesões medulares, pois sua prescrição é ainda controversa^{35,36,37,38}. Nesse sentido, é importante salientar a necessidade dos estudantes conhecerem os mecanismos envolvidos na lesão medular, a fim de estabelecer o tratamento mais adequado.

O atendimento envolve uma avaliação inicialmente criteriosa que irá definir as prioridades de tratamento que são essenciais para a sobrevivência da vítima e minimização de possíveis sequelas de acordo com as lesões encontradas. Em seguida deve-se estabelecer o tratamento medicamentoso, de acordo com cada paciente, associado às ações de reabilitação³⁹.

Como limitação do estudo, inicialmente foi calculado uma amostra de 284 estudantes, porém houve uma baixa adesão de respostas, uma vez que foi adotado o modelo de formulário online, diante do cenário da pandemia de COVID-19, na qual a Organização Mundial de Saúde orienta quanto ao distanciamento social.

CONCLUSÃO

A partir da realização deste estudo foi possível avaliar o nível de conhecimento dos discentes dos cursos de medicina e enfermagem no atendimento pré-hospitalar as vítimas de TCE e TRM, bem como avaliar seu perfil sociodemográfico, demonstrando que em relação às respostas do questionário, todas as perguntas obtiveram mais acertos do que erros, porém algumas questões apresentaram um maior déficit de conhecimento pelos estudantes.

Neste contexto, é importante reforçar a necessidade de mais estudos que abordem esta temática essencial para a comunidade científica, uma vez que os estudantes de medicina e enfermagem desempenham funções primordiais no atendimento aos pacientes, devendo possuir suporte

acadêmico teórico-prático, que favoreça um atendimento qualificado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MAIA, E.R et al. Conhecimentos em Atenção Pré-Hospitalar e Suporte Básico de Vida por Estudantes Recém-ingressos de Medicina. Rev Bras Educ Med., v.38, n.1, p.59-64, 2014.
2. MORAIS, D.A. Ressuscitação cardiopulmonar pré-hospitalar: fatores determinantes da sobrevivência. Belo Horizonte, MG. 2012. Doutorado [Tese] - Universidade Federal de Minas Gerais.
3. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Protocolos de Intervenção para o SAMU 192 - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
4. SILVA, A.A; MENECHINI, B.R; NUNES, C.R; ANDRADE, C.C.F. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar em parada cardiorrespiratória. Revista científica interdisciplinar, v.2, n.1, p.54-64, 2017.
5. FERREIRA, S.C. Atendimento pré-hospitalar móvel e o conhecimento de graduandos de enfermagem. Rev. Bra. de Saúde Funcional, v.1, 2019.
6. PEREIRA, B.C; MORAES, D.F.P; REIS, L.R; SILVA, K.C.M; VARGAS, T.H.R. Conhecimento dos estudantes de medicina e enfermagem em suporte básico de vida. 2019.
7. ROMANZINI, E.M; BOCK, L.F. Concepções e sentimentos de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. Rev. Latino-Am. Enferm., v.18, n.2, p.105-12, 2010.
8. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 2048, de 05 de novembro de 2002. Brasília: DOU; 2002.
9. BARCELOS, L.S; CAVALCANTI, R.L.S; OLIVEIRA, R.P; SILVA, T.L; OLIVEIRA, I.P; SOUZA, F.S. O papel da enfermagem no atendimento pré-hospitalar e seus desafios frente aos aspectos históricos e legislativos. In: Associação Brasileira de Enfermagem; Unicovsky MAR, Spezani, Waldman BF, organizadores. PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Urgência e Emergência: Ciclo 6. Porto Alegre: Artmed Panamericana; 2018 p. 11-41.
10. SILVA E.A.C; TIPPLE, A.F.V; SOUZA, J.T; BRASIL, V.V. Aspectos históricos da implantação de um serviço de atendimento pré-hospitalar. Rev Eletr Enf. v.12, n.3, p.571-7, 2010.
11. SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO. Pré-hospitalar- GRAU: grupo de resgate e atenção às urgências e emergências. 2. ed. Barueri: Manole; 2015.
12. MARTINS, P.P.S; PRADO, M.L. Enfermagem e serviço de atendimento pré-hospitalar: descaminhos e perspectivas. Rev Bras Enferm. v.56, n.1, p.71-5, 2003.
13. ABREU, K.P; PELEGRINI, A.H.W; MARQUES, G.Q; LIMA, M.A.D.S. Percepções de urgência para usuários e motivo de utilização do serviço de atendimento pré-hospitalar móvel. Rev Gaúcha Enferm. v.33, n.2, p.146-52, 2002.
14. GENTIL, R.C et al. Capacitação de enfermeiros em atendimento pré-

- hospitalar. Rev. Latinoam. Eferm. v.16, n.2, p.192-7, 2008.
15. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 1.600, de 7 de julho de 2011. Brasília: MS; 2011.
16. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 2.048, de 5 de novembro de 2002. Brasília: MS; 2002.
17. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 342, de 4 de março de 2002. Brasília: MS; 2002.
18. KARRER, K.J. et al. Primeiros Socorros para Estudantes, 2012. Capítulos 1 e 3 Protocolo SAMU 192 Suporte Básico de Vida. Ministério da Saúde 2014. Manual de Primeiros Socorros. Ministério da Saúde 2003. Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.
19. MAGALHÃES, A.L; SOUZA, L.C; FALEIRO, R.M; TEIXEIRA, A.L; MIRANDA, A.S. Epidemiology of traumatic brains injury in Brazil. Rev Bras Neurol. v.53, n.2, p.15-22, 2017.
20. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com traumatismo cranioencefálico. Brasília: MS; 2015.
21. COLÉGIO AMERICANO DE CIRURGIÕES. ATLS: Suporte Avançado de Vida no Trauma. 10ª edição. Chicago: Copyright, 2018.
22. GENTILE, J.K.A; HIMURO, H.S; ROJAS, S.S.O; VEIGA, V.C; AMAYA, L.E.C; CARVALHO, J.C. Condutas no paciente com trauma cranioencefálico. Rev Bras Clin Med. v.9, n.1, p.74-82, 2011.
23. ALIZADEH, A; DYCK, S.M; KARIMI-ABDOLREZAEI, S; PROGRAM, R.M. Traumatic Spinal Cord Injury : An Overview of i v o r l a n o v l. 2019.
24. ROUANET, C; REGES, D; ROCHA, E, GAGLIARDI, V; SILVA, G.S. Traumatic spinal cord injury: current concepts and treatment update. p.387-93, 2017.
25. VERTEBRAL, D.E.C; VERTEBRAL, D.E.L.A.C. EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF PATIENTS WITH TRAUMATIC SPINAL FRACTURE. v.16, n.3, p.224-27, 2017.
26. DAS, P; TRAUMA, V.D.E; ATENDIDAS, R. PROFILE OF SPINAL CORD TRAUMA VICTIMS TREATED AT A REFERENCE UNIT IN SÃO PAULO. v.17, n.1, p.39-41, 2018.
27. AMERICAN COLLEGE OF SURGEONS. Atendimento pré-hospitalar traumatizado (PHTLS). 8th ed. Burlington: Jones & Barlett; 2016.
28. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/passos.html>
29. GUARIENTE, S.M.M; GUARIENTE, M.H.D.M; MORAES, A. Perfil sociodemográfico e educacional do estudante ingressante no curso de graduação em medicina de 2004 a 2013: análise documental. Rev Med Minas Gerais. v.30, e-30102, 2020.
30. SOUSA, J.C.T; ÁVILA, L.K; CARDOSO, L.G.S. Perfil sociodemográfico de discentes em instituição de ensino superior privada na área da saúde. Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo. v.65, 2020.
31. KLOSTER, M.C; PEROTTA, B; JUNIOR, A.H; PARO, H.B.M.S; TEMPSKI, P. Sonolência diurna e habilidades sociais em estudantes de

medicina. Rev bras educ med. v.37, n.1, p.103-109, 2013.

32. PEREIRA, B.C; MORAES, B.F.P; REIS, L.R; SILVA, K.C.M; VARGAS, T.H.R. Conhecimentos dos estudantes de medicina e enfermagem em suporte básico de vida. Trabalho de conclusão de curso da UniEVANGÉLICA, 2019.

33. COUTO, D.S; SILVA, N.B; CARDOSO, E.J.R. Avaliação do conhecimento de estudantes da área da saúde sobre a Escala de Coma de Glasgow em uma Universidade de Minas Gerais. Research, Society and Development. v.10, n.9, 2021.

34. OLIVEIRA, D.A.L; SILVA, J.C.B. EXAME CLÍNICO OBJETIVAMENTE ESTRUTURADO NO ENSINO DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA. Rev enferm UFPE on line. v.12, n.4, p.1185-90, 2018.

35. MEANS, E.D et al. Effect of methylprednisone in compression trauma to the feline spinal cord. Journal of Neurosurgery, v.55, p.200-208, 1981.

36. BRACKEN, M.B et al. Efficacy of methylprednisolone in acute spinal cord injury. The Journal of the American Medical Association, v.251, p.45-52, 1984.

37. FADEN, A.I et al. Megadose corticosteroid therapy following experimental traumatic spinal injury. Journal of Neurosurgery, v.60, p.712-716, 1984.

38. LEE, B.H et al. Effects of methylprednisolone on the neural conduction of the motor evoked potentials in spinal cord rats. The Journal of Korean Medical Science, v.20, p.132-138, 2005.